

CANDURA PROVINCIANA

Myriam Corrêa de Araújo Ávila¹

RESUMO

A partir do emprego da expressão “candura provinciana” em texto diarístico de Dalcídio Jurandir a respeito de Bernardo Élis, este artigo propõe uma discussão acerca da literatura como empreendimento coletivo e das consequências da posição solipsista do escritor, usando como apoio argumentativo outros textos de Dalcídio e uma carta de Mário Faustino. O artigo se inspira nos princípios da Crítica Biográfica, como apresentados por Eneida Maria de Souza e utiliza textos inéditos consultados nos acervos da Fundação Casa de Rui Barbosa, em pesquisa financiada pelo CNPq.

Palavras-Chave: Dalcídio Jurandir. Mário Faustino. Vida literária.

PROVINCIAL CANDOR

ABSTRACT

Taking as starting point the phrase “provincial candor”, found in Dalcídio Jurandir’s diary, in an entry about a meeting with Bernardo Élis, this article proposes a discussion on literature as a collective enterprise and the consequences of the solipsistic attitude for a writer. As argumentative support, other texts by Dalcídio and a letter by Mário Faustino are brought in. The article includes unpublished texts perused during a research in the archive of the Fundação Casa de Rui Barbosa and is guided by the principles of “biographical criticism” as presented by Eneida Maria de Souza.

Keywords: Dalcídio Jurandir. Mário Faustino. literary life.

Data de submissão: 10. 03. 2022

Data de aprovação: 01. 04. 2022

INTRODUÇÃO

A respeito de Bernardo Élis, escreve Dalcídio Jurandir em seu diário pessoal, em 1954: “Gosto muito dele porque é inteligente, sincero, honesto, com essa candura provinciana de escritor tão necessária e que foi varrida dos letrados da metrópole²”. Nessa época, Dalcídio se encontrava no Rio de Janeiro, em plena militância intelectual no jornal *Imprensa Popular* e seguindo orientações do Partido Comunista. Bernardo Élis, também comunista, estava às voltas com a luta camponesa de Formoso e Trombas. O encontro dos dois escritores em Goiânia, em fevereiro daquele ano, no entanto, não versava sobre política: “conversa sobre literatura, pediu-me ele para discutir sobre problemas do romance”.

As primeiras impressões poéticas apresentadas neste artigo são resultantes de uma análise em torno do texto diarístico de Dalcídio Jurandir a respeito de Bernardo Élis, na qual irá privilegiar uma investigação bibliográfica com base nos acervos da Fundação Casa de Rui Barbosa, a partir de uma pesquisa financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Cnpq).

¹ Pesquisadora ID do CNPQ. Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Pós-doutora pela Universidade de São Paulo. Professora da Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: myriavila@gmail.com

² Diário manuscrito consultado na Fundação Casa de Rui Barbosa em 09/01/2014.

1 CANDURA PROVINCIANA

O que Dalcídio teria querido dizer com a expressão “candura provinciana”, cujo inevitável ranço de condescendência é difícil de ignorar? E por que a considerava “tão necessária”? Como escritor paraense, certamente compartilhava com o goiano Élis a necessidade de penetrar na bolha sudestina da Literatura Brasileira, que, naquele momento, parecia exigir a presença física do escritor de outras partes nos centros Rio e São Paulo para levar em conta sua produção. Nesses centros se encontravam os “letrados da metrópole”, de quem tal candura “fora varrida”. A pressuposição é que o escritor, uma vez aclimatado na metrópole, como ocorrera a todos os “grandes” do século XIX e continuou ocorrendo com os do XX³, deixava para trás, com a província, suas características intrínsecas, contaminando-se com as vaidades literárias em voga. A palavra candura, que em português tem conotações tão pouco lisonjeiras como ingenuidade e ignorância, apresenta, em seu correlato inglês – candor – ressonâncias mais interessantes: abertura, honestidade, franqueza. O adjetivo candid significa “direto, espontâneo, sem pose”. O comentário de Dalcídio parece contemplar esse campo semântico.

Figura 1- Dalcídio Jurandir



Fonte: <https://www.dalcidiojurandir.com.br>

³ Entre muitos outros, o cearense José de Alencar e os maranhenses Aluísio Azevedo e Coelho Neto.

Nos diários de Miguel Torga vamos encontrar uma postura semelhante. O escritor português critica em seu diário o ambiente literário lisboeta (“o Chiado, essa vitrine cínica do mundo”) e louva a “sobriedade medular da nação”, aparentemente recolhida ao interior do país⁴. Também em outros escritores, brasileiros e estrangeiros, reflete-se o tópos da aldeia como ambiente preservado, puro, reduto da simplicidade e da expressão desguardada. Contudo, o julgamento de Dalcídio parece se dar em um diapasão mais amplo.

Podemos supor que o romancista de Marajó deriva de sua vivência literária a necessidade de uma postura que contrastasse com a dos literatos da metrópole. Se considerarmos que sua formação como escritor se deu no Pará, devemos atentar para as condições e o contexto em que Dalcídio ingressa na profissão para entender os valores que associa à prática da escrita ficcional.

O interessante trabalho de Maia (2017) sobre Dalcídio Jurandir⁵ mostra o quanto os escritores paraenses se amparavam na reunião em grupos para fazer frente a uma invisibilidade estrutural decorrente da concentração na capital federal dos talentos literários brasileiros, advindos de todas as regiões do país. Embora enfatizando a especificidade do grupo dos “remediados”, o próprio texto de Maia faz ver como as franjas de um grupo anterior vão se mesclando ao grupo emergente e como este vai agregando os novíssimos que em seguida formarão um grupo próprio. Sua afirmação de que “Os intelectuais se viam enquanto grupo porque partilhavam de afeição pessoal, de valores estéticos e de experiências comuns na então capital da Amazônia”⁶ não vale apenas para os que se reuniam em torno da revista Terra Imatura, mas também para todos aqueles militantes da literatura em posição periférica com relação a Rio e São Paulo. Para todos, o apoio comum dos pares conterrâneos constituía uma rede de proteção e um húmus de criação.

Talvez se possa dizer, porém, que o grupo belenense ao qual pertencia Dalcídio era especialmente cioso dos demorados frutos dos esforços comuns, como sugere o trecho abaixo, publicado no número 5 de Terra Imatura (1938):

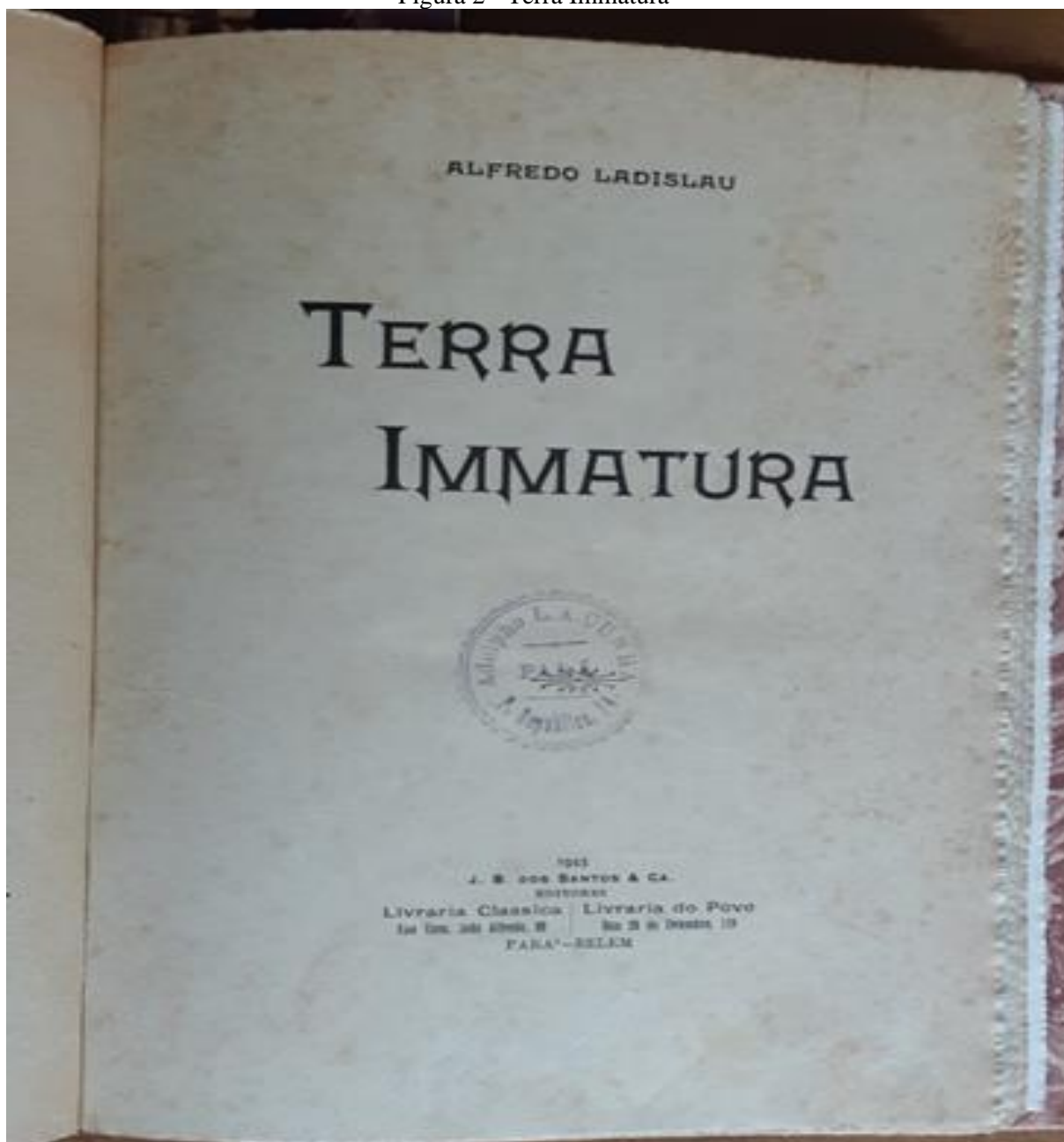
Um dos dias mais interessantes em nossa carreira é quando a Imatura sai. Cêdo [sic] os “imatuross” estão firmes no posto... É uma reunião geral. No ar há sensação de alegria, espontânea, incontida, jovial. Todos nós nos abraçamos radiantes. – “Mais uma vitória!” – “Um número a mais!”. E não podemos conter o riso álaacre de júbilo. A conversa torna-se viva, movimentada. (MAIA, 2017, 83).

⁴ Cf. a respeito, o capítulo O xangrilá do escritor, do livro Diários de escritores. (ÁVILA, 2016)

⁵ PARA ALÉM DA DECADÊNCIA - A “aristocracia do pé no chão” na Belém de Dalcídio Jurandir (2017)

⁶ MAIA, op.cit.,p.83

Figura 2 - Terra Imatura



Fonte: <http://www.fcp.pa.gov.br/obrasraras>

O sentimento de grupo ressalta com muita vivacidade na comemoração ao prêmio ganho por Dalcídio com o romance *Chove nos campos de Cachoeira*. Segundo Maia,

O prêmio recebido por Dalcídio Jurandir, primeiro lugar por *Chove nos campos de Cachoeira*, no concurso realizado pelo jornal *Dom Casmurro* e pela Editora Vecchi, do Rio de Janeiro, foi saudado pelos “imatuross” como uma vitória do grupo dos intelectuais do Norte contra o fato de serem ignorados no restante do país e na própria região (...) (MAIA, 2017,83-4).

A ensaísta cita:

“Para nós isso significa muito. Quer dizer que vamos, através desse passo do Dalcídio, marcando a nossa presença diante dessa inquietação de sensibilidade e pensamento que nós sofremos. Pois é terrível a tristeza das coisas que não se realizaram. Que se perderam, inúteis, inúteis... Assim, essa nossa resposta aos que

não acreditam em nós – vale como a primeira vingança da nossa inteligência àqueles que negam o nosso instante, o nosso momento, o nosso hoje.” (Apud MAIA, 2017, 84).

Figura 3 - Dalcídio Jurandir e Graciliano Ramos em viagem a União Soviética em 1952



Fonte: <https://www.dalcidiojurandir.com.br/>

Nessa transposição tão direta da presença, da inteligência, do instante, do “hoje” do romancista premiado para “nossa presença, nossa inteligência, nosso instante, nosso hoje”, nesse compartilhamento sem *arrière-pensée*, poderíamos imaginar residir a candura (espontaneidade, falta de pose, com sua pitada também de ingenuidade) que Dalcídio acha “tão necessária” ao escritor. Valores como a amizade, a lealdade, o companheirismo integram sem dúvida a concepção “cândida” da literatura que só é possível na província.

Um artigo de Dalcídio Jurandir sobre o escritor Antônio Tavernard pode nos instruir melhor sobre o ideal de companheirismo que o “romancista da Amazônia” tanto prezava. A figura de Antônio Tavernard é insólita, tanto pela tragédia que o atingiu muito jovem e lhe tolheu o futuro literário, como pela veneração de que foi alvo ainda em vida. No inédito “Diário dos vinte anos”, Dalcídio dá-nos a viva imagem desse culto:

12 de outubro [sem ano]

Tavernard. Machado Coelho me contou a visita. Foi uma eternidade de beleza. Eu não fui vel-o. Tive medo da impressão. Mas o Ribamar me descreveu magnificamente a palestra. Ele ficou no Rancho Fundo, na penumbra e sua cabeça parecia um clarão na treva. Querido Tavernard, sobe-me às vezes uma angústia, uma

cólera contra os deuses por tua causa; ó grande mutilado, ó divino Deformado, ó lázaro sem o surge et ambula!⁷

O diarista refere-se à hanseníase que acometeu o jovem poeta aos dezoito anos, fazendo com que ele se recolhesse a uma moradia afastada, longe do convívio com os amigos que, no entanto, o visitavam.

No artigo mencionado, intitulado simplesmente “Antônio Tavernard”, Dalcídio Jurandir, já a essas alturas um autor consagrado, trabalha a imagem do homenageado por assim dizer, em palimpsesto. Com magistral habilidade narrativa, justapõe dois momentos opostos na vida do jovem escritor: “Tavernard no Rancho Fundo ganhou os poderes de orixá da geração. Conheci-o no Ginásio, esperto, suando, rindo e pulando, cheio de sol, gostando da vida como um bom animal contente”.

Figura 4 - Antonio Tavernard



Fonte: <http://memoriadaliteraturadopara.blogspot.com>

A passagem do terrestre ao divino, do animal ao orixá não é aqui apenas efeito de contraste decorrente da retórica de extremos que estrutura o artigo: é também uma passagem do indivíduo ao coletivo, de um comprazimento nos arredores do próprio corpo à rendição a uma agência coletiva de sublimação, a sua transformação em totem. Dalcídio, em que pese a intenção de homenagear e prantejar o amigo escritor, não deixa de apontar o seu caráter de

⁷ Consultado na FCRB em 09/01/2014. Foi mantida a ortografia do original.

crisálida, de espírito impedido de completar a maturação. Reconhecendo em Tavernard uma mente singular e um talento promissor, o articulista aponta, entretanto, para a mescla de influências e afinidades eletivas nele reunidas e que iam do conservador ao rebelde, englobando romantismo e simbolismo, cristianismo e apostasia – apontando, enfim, para uma configuração mental ainda muito marcada pela confusão adolescente.

O artigo deixa claro que, na opinião de Dalcídio, o isolamento e a solidão foram responsáveis por travar o desenvolvimento criativo do enfermo, fazendo de sua enfermidade física a metáfora de um talento entanguido: “O mal terrível o mutilou no corpo e na arte”. Sentindo-se impedido de viver entre os homens, “foi o enfermo e o solitário, quando tinha na frente um mundo para criar”. E logo, “A sua arte deformada e por isto mesmo trágica, cheia de altos e baixos, saturou-se de um pessimismo inoculável em sua solidão” (p.42) Dalcídio vê no isolamento a perda do “sentido da realidade objetiva”, o desinteresse pelos trâmites humanos e principalmente a falta de um freio à hipersensibilidade e à “incontinência das leituras desordenadas”.

“Ele que tinha tantas possibilidades de um estilo para hoje”, não chegou a compreender que “faltava-lhe ainda direção nos quadros atuais do pensamento contemporâneo” (p.43). A insistência nesse último termo (“Tavernard sofreu muita influência nociva para a formação de um escritor tal como exigem as condições da vida contemporânea”) mostra o quanto Dalcídio valorizava a fixação no presente pelo escritor, fixação essa só possível através do convívio e do compartilhamento.

A mesma lógica faz com que, no fim do artigo, o romancista exalte o amigo morto pela grandeza simbólica que sua existência breve adquiriu para o grupo de jovens da mesma geração, fornecendo-lhes, se não um guia literário, um ícone de “sacrifício e beleza”, uma alegoria da luta do escritor jovem e da nova geração pelo pleno desenvolvimento de suas potencialidades e um anúncio da sombra de Ícaro que a ameaça, corporificada como doença e mutilação.

Contraditoriamente, o escritor comunista e – presumivelmente – ateu, reitera o papel de orixá “magnífico” de Tavernard e até, de certa forma, mimetiza a tendência do homenageado à expressão pomposa (“até no campanudo”) e à hipérbole, em seu memorial. “Só mesmo Tavernard me obrigaria a escrever assim de coisas que nos parecem tão cacetes pelo abuso que delas fizeram”.

O estudo da literatura como empresa coletiva vem se desenvolvendo na última década, principalmente através dos crescentes publicações e estudos acerca da correspondência de escritores. Um grande impulso para a compreensão dos agrupamentos e da agência literária coletiva partiu da chamada Crítica Biográfica, teorizada e praticada de forma precursora por Eneida Maria de Souza. A par da noção da “vida como literatura” (título de livro de Silviano Santiago), a “literatura como vida” vem ampliar a percepção da crítica sobre uma arte que tradicionalmente era considerada fruto da concentração e do retiro solitários.

A importância do grupo para a escrita pessoal pode ser detectada em vários depoimentos de escritores. Fiquemos aqui apenas com as considerações de Mário de Andrade durante sua viagem pelo Amazonas em 1927, viagem que lhe pareceu muito solitária:

O que eu sinto, ou o que faço é enquanto estou escrevendo, e até lendo, é ter o quarto habitado, em geral um, raro dois amigos, que estão ali, juro que estão, lendo por cima dos meus ombros o que escrevo, me aconselhando, me dirigindo, me contradizendo para firmar bem, por amizade, por dedicação, as minhas argumentações. É tão bom... (ANDRADE, 2015, 105)

O solitário Borges (1999) teve, em sua longa amizade com Silvina Ocampo e Adolfo Bioy Casares um intercâmbio dos mais férteis, chegando a dividir com o último a criação do heterônimo Bustos Domecq. A escrita conjunta chegou a lhe parecer a ideal: “Quanto às

Crônicas de Bustos Domecq, penso que são melhores que tudo o que publiquei em meu nome e quase tão boas quanto qualquer coisa escrita individualmente por Bioy” (1999, 121).⁸

Inúmeros diários e cartas dão testemunho dessa necessidade do escritor de se balizar pela convivência com os companheiros de lida. Mesmo no diário ficcional do protagonista de O amanuense Belmiro, de Ciro dos Anjos, o afastamento dos amigos leva ao abandono dos projetos literários. Quando Dalcídio Jurandir afirma ter faltado a Tavernard o contato com o ambiente literário que modularia sua própria produção, ecoa em sua fala a experiência de tantos outros colegas de profissão.

Podemos especular, portanto, que a “candura” a que Dalcídio se refere no seu encontro com Bernardo Élis diz respeito à postura aberta e franca de escritor a escritor, permitindo que Élis, em lugar de apelar para uma pose altiva ou retraída diante do colega mais famoso, exponha-lhe suas dúvidas com relação à construção do romance. Que aos “literatos da metrópole” não seja mais facultada essa abertura, essa é a grande desvantagem que Dalcídio percebe no deslocamento do escritor de sua região de origem para os grandes centros.

Figura 5 - Bernardo Élis



Fonte: Fonte: <http://www.elfikurten.com.br/>

O olhar que parte, no entanto, de um centro mais cosmopolita que as grandes capitais do país, ou seja, de espaços de grande circulação internacional como a Europa e os Estados Unidos, pode perceber as nossas metrópoles como locais de agrupamento identitário de escritores tão circunscritos quanto os da província. Tomemos para exame uma carta de um poeta paraense de coração, nascido no Piauí, Mário Faustino, datada de 31 de maio de 1960. Faustino estava nesse momento trabalhando no Departamento de Informação da Organização

⁸ Tradução do autor do artigo.

das Nações Unidas (ONU), em Nova York, onde permaneceria até 1962. A carta, dirigida a Ciro dos Anjos, merece uma citação mais alentada:

Conto voltar ao Brasil em princípios do ano próximo. Esta viagem me tem servido, antes de tudo, para ver o Brasil em conjunto e à distância – e o que vejo é bom, é grande, humano e comovente. Nunca tive tanta esperança em alguma coisa como tenho, nesse momento, no Brasil. Aí, em 61, pretendo reincorporar-me, de corpo e alma, e da maneira mais positiva e criadora ao meu alcance, à maravilhosa aventura brasileira⁹.

Mário Faustino ressentia-se do isolamento em que se encontra e que tolhe sua atividade literária. Deseja reintegrar-se a um corpo coletivo para o qual pretende contribuir “da maneira mais positiva e criadora”.

Figura 6 - Mário Faustino



Fonte: <https://www.escritas.org>

Pode-se dizer que, como preconiza o colega Dalcídio Jurandir, compreende que só o convívio mergulhado no presente pode afinar, em sua poesia, o “estilo de hoje” que o isolamento impedira Tavernard de desenvolver. A percepção do fervilhante cenário criativo do Brasil como aventura é também índice de valorização do coletivo, que atuaria como estimulante para a criação.

⁹ Carta consultada na FCRB.

A palavra aventura é frequentemente associada à vanguarda¹⁰, rótulo dos mais prestigiosos na era JK, epitomizado nesse momento pela figura de Niemeyer e pela construção recente de Brasília. Como posição desbravadora, a vanguarda não pode progredir em terra já assentada e delimitada:

A América está me parecendo um país cultural e politicamente parado, amante do status quo, reacionário mesmo. Quanto mais conheço os americanos, menos os admiro e mais lamento o desperdício da alta potencialidade contida nos Whitman – Thoreau – James (...) o puritanismo e o materialismo capitalista parecem ter perdido essa gente.

Desta forma, o país segue sua narrativa de forma estática e em busca de renovação.

2 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em um país em que a literatura pode ser um empreendimento lucrativo, país em que best-sellers originam fortunas, é de se esperar que a criação verbal assuma um caráter cada vez mais competitivo e, portanto, individualista. Minha pesquisa nos acervos de correspondência dos escritores brasileiros do século XX mostra, ao contrário, uma profunda interlocução entre os pares, liberdade de crítica mesmo a colegas mais velhos e famosos (“ao lado de muita coisa menos digna do nosso grande poeta encontrei esse belo poema que é ‘Véspera¹¹’”), confiança na honestidade intelectual de uns e outros. Em Dalcídio Jurandir, nota-se a insistência no conceito de geração como essencial para a literatura. Se essa postura pode ser chamada de provinciana, ou se é antes meramente provincial no sentido de constitutiva de um domínio ou esfera de ação circunscrita, Dalcídio e Faustino retiram do vocábulo toda conotação negativa, numa defesa da marcha conjunta para o futuro, para esferas mais amplas, mas também para públicos mais numerosos.

Se hoje, dadas as imensas mudanças na correlação de forças trazidas pela comunicação eletrônica, que horizontaliza os contatos e desconstrói as distâncias, a ideia de agência coletiva da escrita prosperará ou decairá, só o futuro vai mostrar com precisão. A revisão do passado recente da nossa literatura, no entanto, revela uma efervescência de contatos e agrupamentos sem a qual a produção brasileira do século passado não teria sido o que foi.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário de. **O turista aprendiz** / Mário de Andrade; edição de texto por Telê Ancona Lopez, Tatiana Longo Figueiredo; Leandro Raniero Fernandesr. – Brasília, DF: Iphan, 2015.

ÁVILA, Myriam. **Diários de escritores**. Belo Horizonte: Abre, 2016.

BORGES, Jorge Luís. **Autobiografía (1899-1970)** Jorge Luis Borges com Norman Thomas di Giovanni. Tradução de Marcial Souto y Norman Thomas di Giovanni El Ateneo: Buenos Aires, 1999.

FAUSTINO, Mário. **Carta a Ciro dos Anjos**, 31/05/1960 (inérita). Fundação Casa de Rui Barbosa.

¹⁰ Ver comentários a respeito no capítulo Diário e coletivo do livro Diários de escritores (ÁVILA, 2016).

¹¹ Comentário de Faustino sobre livro de Drummond, na carta citada.

JURANDIR, Dalcídio. **Diário dos vinte anos** (inédito). Fundação Casa de Rui Barbosa.

JURANDIR, Dalcídio. **Diário** (inédito). Fundação Casa de Rui Barbosa.

JURANDIR, Dalcídio. AntonioTavernard. **Asas da palavra**, v. 5, n. 2 (1998). Disponível em: <http://revistas.unama.br/index.php/asasdapalavra/index> . Acesso em:05 de out.2021

MAIA, Maíra Oliveira. **Para além da decadência** - A “aristocracia do pé no chão” na Belém de Dalcídio Jurandir.2017. Tese. (Doutorado em História) Universidade Federal do Pará, 2017. Disponível em: <https://www.dalcidiojurandir.com.br/pdf/estudos-academicos/para-alem-da-decadencia-a-aristocracia-do-pe-no-chao-na-belem-de-dalcidio-jurandir.pdf>. Acesso em: 05 de out.2021.